

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE GUARATUBA
CURSO DE PEDAGOGIA

RHAIANA PATRICIA KURTZ VANOLLI

**A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DURANTE A
PANDEMIA NA ÁREA HOSPITALAR**

GUARATUBA
2021

RHAIANA PATRICIA KURTZ VANOLLI

A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DURANTE A PANDEMIA NA ÁREA HOSPITALAR

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na modalidade Artigo Científico - apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior de Educação de Guaratuba – Faculdade Isepe - como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ana Carolina Castelli da Silva

GUARATUBA

2021



TERMO DE APROVAÇÃO

A acadêmica RHAIANA PATRICIA KURTZ VANOLLI - apresentou e defendeu o

Trabalho de Conclusão de Curso — na modalidade Artigo Científico - intitulado "A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DURANTE A PANDEMIA NA ÁREA HOSPITALAR" para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia, sendo julgado adequado e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora do Curso de Pedagogia.

Guaratuba, 25 de novembro de 2021.

Professora Especialista: Trindade dos Santos de Freitas
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Apresentado à Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

Professora Orientadora: Mestre Ana Carolina Castelli da Silva

Professora Mestre: Rosilda Maria Borges Ferreira
Avaliadora

Professora Especialista: Karyna Brunetti Lucinda
Avaliadora

A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DURANTE A PANDEMIA NA ÁREA HOSPITALAR

Vanolli, Rhaiana Patricia Kurtz¹;

Silva, Ana Carolina Castelli²

RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem como base o suporte teórico dos autores que levantaram pesquisas, conceitos e discussões a respeito do tema aqui proposto. A importância das estratégias pedagógicas na área hospitalar com ênfase no atual cenário mundial –pandemia do COVID-19- como tema proposto, teve como objetivo apresentar os aspectos históricos da Pedagogia Hospitalar, que surgiu para crianças e adolescentes considerados na época “inadaptadas”, posteriormente a preocupação em oportunizar desenvolvimento independente de suas condições, ambiente, cultura. Assim, este artigo busca também, refletir sobre a necessária Formação de Professores, os requisitos básicos para a função. Outro aspecto importante é a atuação apropriada deste profissional no ambiente hospitalar. Sobretudo, a importância das atividades lúdicas como estratégias pedagógicas, com o objetivo de facilitar o processo de internação de crianças e adolescentes hospitalizados. Por meio da análise dos dados coletados através de uma pesquisa de campo, este artigo evidencia os desafios que a Pandemia trouxe aos profissionais desta área, exigindo adaptação e redobrado cuidado necessário para viabilizar este trabalho de forma segura e eficaz.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Educação. Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

A importância das estratégias pedagógicas para o ensino e aprendizagem das crianças e adolescentes são indispensáveis e indiscutíveis. E quando essas crianças e adolescentes sofrem algum tipo de problema de saúde e precisam ser hospitalizadas para devidos tratamentos, é quando a escola precisa estender a sua ponte até essa criança, e proporcionar a ela o que lhe é de direito, acesso à educação para que essa criança, não sofra atrasos em sua aprendizagem.

¹ Aluna do 8º período de Pedagogia do Instituto Superior de Educação de Guaratuba – Faculdade Isepe. E-mail: rhaiana-vanolli@hotmail.com

² Professora e Orientadora do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação de Guaratuba, Faculdade Isepe. Graduação em Pedagogia e Mestrado em Educação E-mail: ana.carolina.castelli.da.silva@isepe.edu.br

Considerando que as crianças e adolescentes hospitalizados sofrem fisicamente e psicologicamente, pois nem sempre entendem a importância de um tratamento de saúde. Nesse sentido, o auxílio de um pedagogo torna-se essencial para garantir que essas crianças e adolescentes possam progredir em seu processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa proposta justifica-se por tratar de um tema da realidade da nossa sociedade, e que é pouco estudado e pesquisado na área da educação. Analisar e discutir a importância das estratégias pedagógicas no ambiente hospitalar, traz uma nova perspectiva para atuação do profissional da educação, além do espaço escolar.

Para crianças e adolescentes com pouca idade, estar hospitalizado e sem acesso escolar contribui para uma recuperação mais lenta e desafiadora. Se entendido o quão importante é utilizar de estratégias pedagógicas para facilitar esse processo, a recuperação será mais aliviada, sem estresse e a decadência na aprendizagem será menor e/ou nenhuma no tempo em que estarão hospitalizados. Neste processo, a equidade se torna algo indispensável. Estratégias pedagógicas utilizando a ludicidade, podem facilitar a aprendizagem, bem como auxiliar no tratamento de saúde.

O problema desta pesquisa será “Quais estratégias pedagógicas são utilizadas no ambiente hospitalar, com crianças e adolescentes hospitalizados, com o intuito de promover o processo de aprendizagem?”

O objetivo geral é de identificar as estratégias pedagógicas adotadas para o ensino em ambiente hospitalar, com crianças e adolescentes. E os objetivos específicos são: Descrever sobre a importância da inclusão escolar no âmbito hospitalar e a atuação do pedagogo nesse ambiente; conhecer os referenciais teóricos sobre o tema; Descrever as principais atividades lúdicas utilizadas nos espaços hospitalares.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo proposto será desenvolvido a partir de consultas em fontes bibliográficas contidas em livros, como também em Artigos Científicos sobre o tema apresentado. Trata-se de uma abordagem qualitativa na qual será apresentada e discutida sobre a importância das estratégias pedagógicas em tempos de pandemia, na área hospitalar.

Será realizada uma análise nesse processo de desenvolvimento teórico como orienta GIL (1987):

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (GIL, 1987, p. 17).

Segundo Demo (1995, p. 11) a metodologia é disciplina que usa os instrumentos a favor da pesquisa e “visa conhecer caminhos do processo científico, também problematiza criticamente, no sentido de indagar os limites da ciência, seja com referência à capacidade de conhecer, seja com referência à capacidade de intervir na realidade”. Para o autor, a partir da metodologia, se pode pensar em novas metodologias, e acima de tudo, uma nova realidade, a partir dos fundamentos expostos nos estudos.

Dessa maneira, para destrinchar os objetivos propostos foi utilizado a pesquisa teórica por meio de Artigos, Leis, Diretrizes Nacionais e livros de autores renomados no universo científico, nos quais são: Paula (2011) com a pedagogia de projetos nas escolas dos hospitais: estratégia coletiva de construção de conhecimentos, Fontes (2005) destacando a escuta pedagógica à criança hospitalizada, discutindo o papel da educação no hospital, Pozo (1996), apontando as estratégias de ensino e aprendizagem, Fonseca (1999) integrando o Atendimento no Ambiente hospitalar, Ceccim (1999) sobre a atenção integral a criança, com o objetivo de “escutar a vida”. Bem como Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Ministério da Saúde.

Após levantamento bibliográfico, será feita uma pesquisa de campo, com base em entrevistas com colaboradores e voluntariados, que prestam atendimento diretamente ao hospital.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 BREVE HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

De acordo com Paula (2011) a hospitalização por si própria já não é algo fácil, uma notícia que todos esperam, um diagnóstico que todos anseiam. Muitos têm suas vidas privadas no momento em que precisam ser hospitalizadas, e quando

estes, retornam à sua vida cotidiana, encontram dificuldades para se readaptarem a rotina que antes lhes eram normais. Muitos carregam até sequelas pós-hospitalização que lhes limitam em certos pontos, exigindo uma readaptação ainda maior.

Ela continua abordando a hospitalização de crianças e adolescentes, que se torna um desafio para eles e também para os que vivem em sua volta, mas diferentemente dos adultos, que as limitações são diferentes e há pontos mais específicos, as crianças e os adolescentes, podem passar por esse processo de maneira mais leve, usufruindo de estratégias que minimizem o sofrimento e angústia que a hospitalização traz.

Pesquisas publicadas sobre Classes Hospitalares nos indicam que as primeiras décadas do século XX a Europa via surgir em hospitais algumas atividades educativas que podem ser consideradas o início do que hoje conhecemos como Classe Hospitalar (PAULA, 2011).

A Classe Hospitalar, iniciou-se em 1935, quando em Paris na Europa, o precursor Henri Sellier inaugurou a primeira escola para crianças inadaptadas. Com o objetivo inicial de suprir as dificuldades escolares de crianças com tuberculose. A sua atitude resultou em exemplo a ser seguido em outros países como: Alemanha, França, Europa e Estados Unidos da América (Oliveira, 2013).

Segundo Oliveira (2013) em 1939, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação de professores para a Infância Inadaptada, denominado (C.N.E.F.E.I) para o trabalho de Institutos Especiais e Hospitais. Neste mesmo ano, foi criado o cargo de professor hospitalar na França. Após a Segunda Guerra Mundial, muitas crianças e adolescentes foram atingidas, aumentando consideravelmente a necessidade de atendimento hospitalar pedagógico,

O CNEFEI promove estágios, em regime de internato dirigido a professores e diretores de escolas; a médicos de saúde escolar e a assistentes sociais. Desde 1939, o CNEFEI já formou mais de mil professores. Isso faz com que todos os hospitais públicos na França tenham em seu quadro docente quatro professores: dois de ensino fundamental e dois do ensino médio. Eles trabalham em turnos diferentes de segunda a sexta (BRASIL, 2002).

Na década de 40, foi criada a associação Animation, Loisirs à L Hôpital (Animação, Lazer no Hospital) e nos anos 80 foi fundada a Associação para a melhoria das condições de hospitalização das crianças (APACHE) vinculada,

segundo (Paula 2011), à European Association for Children in Hospital (Associação Europeia para Crianças em Hospital) que reúne várias entidades no país em defesa dos direitos das crianças e adolescentes internados. Professores aposentados, professores da Educação Nacional e voluntários fazem parte de diversas associações que tem como objetivo dar continuidade à escolarização da criança e adolescente hospitalizado, para que acompanhem as crianças nos hospitais e também na alta hospitalar, antes do retorno a escola regular. Essa associação conta com mais de três mil professores (PAULA, 2011).

No Brasil, segundo ao Artigo publicado no XV Congresso Nacional de Educação, em 2013, “Um breve Histórico sobre as Classes Hospitalares no Brasil e no Mundo” escrito pela Graduada em Pedagogia e Especialista em Pedagogia Hospitalar Tyara Carvalho de Oliveira, relata que no Brasil essa prática educacional iniciou-se em 1950, com a classe hospitalar no Hospital Jesus, localizada no Rio de Janeiro, porém há registros que em 1600, ainda no Brasil Colônia, havia atendimento escolar aos deficientes físicos na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo.

No Brasil, a classe hospitalar é reconhecida por meio da criação de uma legislação para a criança e adolescente hospitalizado, através da resolução nº 41 de outubro de 1995, no item 9, onde diz que as crianças e os adolescentes possuem o “direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante a sua permanência hospitalar”. (BRASIL, 1995)

O Ministério da Educação e do Desporto formula a Política Nacional da Educação Especial (MEC, 1994), propondo que a educação em hospital se faça através da organização de classes hospitalares, devendo-se assegurar oferta educacional não só às crianças com transtornos do desenvolvimento, mas também, às crianças e adolescentes em situação de risco ao desenvolvimento, como é o caso da internação hospitalar, uma vez que a hospitalização determina restrições às relações de convivência, às oportunidades sócias interativas escolares (relação com colegas e relações de aprendizagens mediadas por professor) e à exportação intelectual dos ambientes de vida social (Fonseca, 1999).

De acordo com a Constituição Nacional (BRASIL, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei Orgânica da Saúde e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, o atendimento à saúde deve ser integral (promoção,

prevenção, recuperação, etc.) e a educação escolar deve ser de acordo às necessidades especiais dos educandos (OLIVEIRA, 2004).

A Classe Hospitalar é reconhecida como modalidade de atendimento desde a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) e reafirmada pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1994, por meio da publicação da Política Nacional de Educação Especial (MEC/ SEESP, 1994), no Documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (MEC/2007).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, também reforça esse atendimento educacional em hospitais. O parágrafo 2º, art. 58 na LDB nº 9.394/96 expressa:

O atendimento será feito em classes, escolas, ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas do aluno não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (BRASIL, 1996)

Em 2002 foi elaborada pelo Ministério de Educação, por meio da secretaria de educação Especial, um documento de estratégias e orientações para o atendimento nas classes hospitalares, assegurando uma educação básica. Segundo Sandra Maia, a educação hospitalar tem por objetivo "... a possibilidade de compensar faltas e devolver um pouco de normalidade à maneira de viver da criança". (MAIA, 2008).

Além disso, Sandra Maia continua:

A intervenção faz com que a criança mantenha rastros que a ajudem a recuperar seu caminho e garantir o reconhecimento de sua identidade. O contato com sua escolarização faz do hospital uma agência educacional para a criança hospitalizada desenvolver atividades que a ajudem a construir um percurso cognitivo, emocional e social para manter uma ligação com a vida familiar e a realidade no hospital. (MAIA, 2008 s/p).

Além do caminho para a recuperação de sua identidade, que segundo Maia (2008), o contato com a escolarização traz para a criança, o contato com essa proposta, irá desenvolver a criança como um todo, principalmente seu cognitivo, emocional e social. Aliviando assim as tensões que uma hospitalização provoca nas crianças e nos adolescentes.

Todo o aluno que frequenta a classe possui um cadastro com os dados pessoais, de hospitalização e da escola de origem. Ao final de cada aula o professor

faz os registros nesta ficha com os conteúdos que foram trabalhados e outras informações que se fizerem necessário (MAIA,2008)

De acordo com Maia (2008) o aluno que frequenta a classe por três dias ou mais é realizado um contato telefônico com sua escola, comunicando a sua participação na classe e obtendo mais informações referentes aos conteúdos que estão sendo trabalhados, no momento, em sua turma. Após alta hospitalar, é enviado um relatório descritivo das atividades realizadas, bem como do seu desempenho, posturas adotadas, dificuldades apresentadas. Para que este seja legitimado, é necessário o carimbo e assinatura do diretor (escola da Rede Regular Estadual) a fim de encaminhá-lo à escola de origem.

3.2 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR HOSPITALAR

Para atuar como Professor nas Classes Hospitalares, o requisito mínimo que deve ser considerado é o amor e a empatia, a formação mais necessária e urgente. Deveriam ser requisitos mínimos para a atuação do professor nas classes hospitalares. O amor e a empatia como requisito mínimo para tal função pode ser diagnosticada através de uma simples autoavaliação, que promove ao interessado uma reflexão no sentido de fazer imagina-lo exercendo tal função e como seria sua reação, comportamento referente a cada situação que poderia ocorrer. Reflexões como: “de que maneira eu poderia contribuir para a vida dessa criança e/ou adolescente?”, “o que além de minha formação acadêmica é necessário para exercer essa função?”, “qual o meu objetivo real ao final de cada processo?”, “como eu pensaria nas estratégias pedagógicas para desenvolver a criança e/ou adolescente da melhor maneira possível?”

Muitas reflexões como estas deverão ser sim, adotadas pelos profissionais que atuam nessa área hospitalar, mediando o conhecimento e trazendo estratégias pedagógicas afim de envolve-los e desenvolve-los em sua totalidade. Bem como aqueles que estão pensando em ingressar nessa área.

De acordo com as Estratégias e orientações publicadas pelo MEC para a Classe hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar, considera-se neste instante apenas o ambiente hospitalar, onde orienta-se que o professor que trabalhará nessas áreas, deverá estar capacitado para lidar com diversas situações que possam ocorrer. Capacitado para a diversidade humana, diferentes vivências culturais, aspectos familiares, etc.

Após, é preciso considerar então a formação acadêmica propriamente dita. Para atuar no ambiente hospitalar o professor precisa ter formação pedagógica, preferencialmente em Educação Especial ou em curso de Pedagogia ou especialização em Pedagogia Hospitalar e Educação Inclusiva (MEC,

Nessa formação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de pedagogia constadas na Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, em seu art. 3º parágrafo único, preveem a formação dos estudantes do curso de pedagogia, para que esses possam atuar em diversos campos além do ambiente escolar.

Art.3º O estudante de pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. Parágrafo único. Para a formação do licenciado em Pedagogia é central: I - o conhecimento da escola como organização complexa que tem função de promover a educação para a cidadania; II - a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional; III - a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino. (BRASIL, 2006)

A multidisciplinariedade torna-se indispensável nessa área de atuação, o professor deve considerar que mesmo sempre podendo contar com uma equipe de profissionais e assistentes, para lhes auxiliares neste processo. Em muitos dos casos, mesmo com essa rede ampla de apoio, esse professor se encontra sozinho, ele e o seu aluno hospitalizado, necessitado de conhecimentos amplos, que, se trabalhados de forma únicas, não lhe trarão o resultado que lhe é esperado.

Portanto, de acordo com os estudos constados aqui com os autores, é preciso conhecer formas de desenvolver estratégias para administrar todos os conteúdos da forma mais didática e lúdica possível, lembrando sempre que a criança e/ou adolescente está hospitalizado, que na maioria das vezes este anseia pelo horário de sua aula, pela chegada do professor, pelo momento em que ele estará se sentindo criança, e não um paciente.

Afirma Libâneo: Como toda educação corresponde uma pedagogia, também há uma diversidade de trabalhos pedagógicos para além das atividades de educação escolar e ensino (LIBÂNEO, 2002, P. 60). Trata-se da multidisciplinariedade requisitada pela função de professor hospitalar. É o

entendimento que para esta função, é preciso ir além de todas as fronteiras antes impostas.

O professor que atuará nas Classes Hospitalares sabe que proverá de um planejamento mínimo para exercer as suas atividades de maneira ampla e asseguradas por entidades maiores e responsáveis. Haverá um planejamento, atividades propostas, formas de avaliações, de aplicações, haverá objetivos a serem cumpridos e estratégias a serem utilizadas. Porém, haverá também constantes mudanças nesse processo, o ponto de partida inicial pode até ocorrer conforme o professor idealizava, mas a prática social final, será na maioria das vezes completamente diferente daquela que o professor se apoiou.

Nesse sentido torna-se, indispensável, imutável, que a flexibilização curricular deverá andar em conjunto com o planejamento do professor. Tudo poderá ocorrer nesse processo na busca do conhecimento. Os professores precisam, portanto, fazer adaptações que permitam com que as crianças se apropriem do conhecimento, através das atividades elaboradas, sem que corram riscos a sua saúde.

Quando se fala de adaptações curriculares está se falando, sobretudo e, em primeiro lugar, de uma estratégia de planejamento e de atuação docente e, nesse sentido, de um processo para tratar de responder às necessidades de aprendizagem de cada aluno [...] fundamentado em uma série de critérios para guiar a tomada de decisões com respeito ao que é ao que o aluno ou aluna deve aprender, como e quando e qual é a melhor forma de organizar o ensino para que todos saiam beneficiados. (MEC, 1992, p.82)

Além do amor, da empatia, do entendimento necessário para o exercer de uma função que exige tanta força e comprometimento, além das formações necessárias para a função de Professor Hospitalar, das experiências, comprometimento, da noção e responsabilidade de refletir em estratégias para um planejamento real e eficaz, e além da flexibilização curricular, o professor precisa compreender que ele ainda pode contribuir para novas competências e habilidades. Buscando sempre formas de promover momentos para possam construir novos conhecimentos.

A autora Vanessa Vieira (2011), mostra as modalidades dentro do hospital que estão sob a responsabilidade do pedagogo. Citam-se como exemplo:

a) Prática multisseriada: O pedagogo utiliza um espaço na unidade de cirurgia pediátrica como sala de aula. Os alunos são agrupados por ciclos/série com aulas simultânea.

b) Prática individual de leito: trabalho realizado no serviço de emergência clínica. Busca dar continuidade aos estudos das crianças convalescentes com o objetivo de garantir o direito a continuidade escolar.

c) Situação de isolamento: este atendimento é realizado na infecto pediatria. Nesses casos há necessidade de paramentação e desinfecção do professor e dos materiais a serem utilizados.

d) Classe hospitalar: Modalidade mais comum de ensino nos hospitais. Refere-se a escola no ambiente hospitalar. Presta atendimento de casos de tratamento há longo prazo ou casos de imunidade.

3.3 A IMPORTÂNCIA AS ATIVIDADES LÚDICAS NO ESPAÇO HOSPITALAR

O processo de hospitalização da criança é um momento muito delicado em sua vida e na vida dos familiares que estão em sua volta. São momentos de angustias, aflições, e em alguns casos mais graves, momentos até de muita insegurança e medo. É um período que será marcado na vida da criança e/ou adolescente, sempre lembrado em sua vida. Portanto, os professores que atuam nas Classes Hospitalares devem-se apropriar desse fato, não como uma forma de pressão e cobrança, mas sim, como uma apropriação de uma história que pode se tornar uma linda história, com muito aprendizado e satisfação.

O processo de hospitalização é muito individual e específico, ao receber crianças e adolescentes hospitalizados deve-se considerar o motivo de seu internamento, sua patologia, tratamento, pré e pós-cirúrgico (quando é o caso). Esses apontamentos servem para nortear o professor possibilitando assertividade em seu planejamento curricular. Assim, a depender do contexto patológico da criança e do tipo de oferta do hospital, é que se pode pensar no melhor tipo de atendimento lúdico.

Segundo o documento do MEC; SEESP, 2002: o pensar em promover um atendimento lúdico para as crianças e adolescentes hospitalizados com o objetivo de propiciar atividades que desenvolverão o cognitivo, sensório-motor, social, aspectos necessários para o processo de aprendizagem da criança. As crianças ainda não dispõem de maturidade suficiente para compreenderem seu estado de internação e o porquê da importância desse momento. Tornando mais difícil e doloroso para a criança, cheia de energia e vigor, se ver internada sendo sujeita a diversos tipos de procedimentos ambulatoriais. E as atividades lúdicas servem para aliviar essa

tensão, promovendo momentos de relaxamento e descanso para as crianças, daquela realidade atual.

Segundo Andrade (2013) as atividades lúdicas também promovem a socialização das crianças e adolescentes hospitalizados. Este é um momento delicado para eles, como já mencionado, e neste momento, pela vulnerabilidade das crianças e insegurança, a única presença que querem ao seu lado é dos pais ou familiares. Isso acaba prejudicando seu tratamento, seu processo de aprendizagem e principalmente, a socialização da criança, lhe trazendo prejuízos futuros.

Os procedimentos médicos, são inevitáveis, acarretando as crianças e adolescentes uma rotina muitas vezes exaustiva, são diversos procedimentos ambulatoriais, muitas vezes medicações que acabam afetando a disposição da criança. Em alguns casos as crianças e os adolescentes, acabam ficando muito tempo sem fazer nada em seus leitos, ociosos, e isso lhes causam ansiedade e aflições. E as atividades lúdicas é um momento estratégico para manter as crianças dispostas e trabalhando seu intelecto. Essa estratégia pode ser considerada o melhor tratamento para as crianças hospitalizadas, pelo prazer e a liberação de hormônios que podem estimular a sua recuperação.

Ao pensar na multidisciplinariedade dos conteúdos a serem trabalhados nas Classes Hospitalares, há ali, no ambiente hospitalar, no leito da criança ou do adolescente hospitalizado, diversas formas de colocá-la em prática. Na agulha utilizada, nos medidores, dosagens de medicamentos, bulas, prescrições médicas, etc. Há dezenas de formas de ensinar algum conteúdo, somente analisando o entorno de um leito de hospital. Além disso, é uma estratégia extremamente válida para tirar o pânico da criança ao se deparar em um ambiente completamente assustador e diferente do seu quarto, na sua casa, no seu lar.

Brincadeiras e Jogos são excelentes estratégias para trazer ao ambiente hospitalar. Mas é preciso primeiramente compreender que a criança está no hospital internada por uma razão: alguma patologia necessária de tratamento intensivo necessitando de internação. A criança não está ali para estudar, expor seu corpo, na maioria das vezes frágil, a atividades que irão dificultar e atrasar a sua alta hospitalar. Portanto é preciso de cautela e ética para planejar e aplicar qualquer atividade, é preciso mediar o mundo externo com a realidade da criança, de maneira segura.

Brincadeiras e jogos não faltam para atrair o público infantil e até seus acompanhantes, construindo pontes entre algumas teorias e a prática através de um dominó, um jogo da memória entre outros jogos. Soma-se a isso, a construção de um diálogo entre a criança hospitalizada e o seu acompanhante. Isto se dá pelo fato de, muitas vezes, a rotina diária de trabalho impedir que seus pais ou acompanhantes estejam participando das atividades cotidianas da criança.

A brincadeira tem como finalidade servir de ferramenta para o enfrentamento da patologia. Dessa forma, quando a criança brinca expressa seus sentimentos e resolve seus conflitos internos. Maluf (2004) apresenta a importância do brincar como um meio de enfrentamento dos desafios e de reavaliação da autoconfiança, uma vez perdida pela criança.

Desse modo, Moraes e Kohn (2009) expressam o porquê da apropriação do brincar no hospital:

Fica evidente que com a brincadeira a criança possa expor sua realidade de casa, o relacionamento que tem com seus pais e familiares (pois em algumas situações moram com avós ou tios), os medos, angústias e desafios da hospitalização, além de proporcionar momentos de descontração para o aluno-paciente, à medida que fica junto com outras crianças também em processo de hospitalização realizando atividades pedagógicas (MORAES; KOHN, 2009, p. 03).

O professor é um grande aliado da criança e/ou do adolescente hospitalizado, muitas vezes sendo a única saída para muitas crianças para um aprendizado, mesmo hospitalizado. Participar dessa realidade, deve ser encarado com muita responsabilidade e respeito, muito além de entender conceitos, leis, resoluções, diagnósticos, é compreender que há um universo inteiro dentro de uma criança aparentemente fragilizada.

3.4 AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia se caracteriza por uma contaminação que ocorre em massa, no mundo inteiro, através de um vírus, que é transmitido, de pessoa para pessoa. Em 2020, mais especificamente no dia 11 de março, o Brasil declara pandemia de Covid-19 devido a doença causada pelo novo vírus, coronavírus (Sars-Cov-2). O primeiro caso registrado do novo coronavírus foi na China, em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na china.

Segundo a OMS, a transmissão do vírus pode ocorrer por meio do contato direto, entre as pessoas, ou indireto, em objetos, compras não higienizadas, ambientes públicos, etc. E até por proximidade, portanto é necessário um distanciamento de um metro. A transmissão ocorre também, através de secreções, como saliva e secreções respiratórias, gotículas, como tosses, espirros, até mesmo através da fala.

Após a tamanha e incontrolável dissipação do vírus na população, foram adotadas medidas fundamentais para a prevenção da população contra o vírus, as medidas se tratavam em fazer a higienização correta das mãos, com água e sabão, álcool em gel, o uso indispensável de máscara em todos os ambientes, evitar o contato das mãos nos olhos, nariz e boca, e sobretudo, a medida protetiva enfatizava como prioridade o distanciamento social.

Segundo UNICEF e o estudo “Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação” em parceria com o Cenpec Educação. O Brasil vinha em uma lenta caminhada quando se dizia em acesso escolar de crianças e adolescentes. Com a pandemia do Covid-19, essa caminhada tornou-se mais lenta, ocorrendo o risco de o Brasil regredir duas décadas.

A estatística deste estudo da UNICEF em parceria com a Cenpec Educação, relata que em novembro de 2020, em torno de 1,5 milhão de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos não frequentavam a escola. Neste contexto, o representante do UNICEF Florence Bauer apoiava e defendia a abertura das escolas no Brasil, com segurança.

Nesta perspectiva, as secretarias estaduais e municipais de Educação foram obrigadas a elaborar planos de escape para diminuir os impactos do Covid-19 na vida escolar de crianças e adolescentes. Então surge a implementação do ensino remoto de maneira emergencial.

O Parecer CNE 05/2020 estabelece que as atividades pedagógicas não presenciais podem acontecer por meios digitais (videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, e-mail, blogs etc.); via programas de TV ou rádio; pela distribuição de material didático físico aos alunos para o momento de isolamento; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, exercícios e outras atividades.

Segundo Palú, Schütz e Mayer (2020), a adversidades encontradas diariamente num cotidiano escolar nunca antes vivido pelos professores, os fizeram se readaptarem a um “novo normal”, esses professores tiveram que rever e refazer as maneiras da interação e mediação.

Com a contribuição do relato de experiência da Luciane Costa Simões da Silva, Pedagoga do Sareh, no Hospital Infantil Waldemar Monastier em Campo Largo PR, compreende-se a importância da Pedagogia Hospitalar, bem como as estratégias pedagógicas usadas para facilitar o processo de ensino aprendizagem e na internação de crianças e adolescentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa teve por finalidade compreender a importância das estratégias pedagógicas durante a pandemia na área hospitalar, bem como a importância do papel do professor nesse processo de ensino aprendizagem. Considerando os principais impactos que as atividades lúdicas, causam nas crianças e adolescentes hospitalizados, torna-se notável o bem-estar e contribuição para o processo de internação.

Através dos estudos em relação aos aspectos históricos da Pedagogia Hospitalar, é possível notar que muitos são os avanços conquistados até então, desde amparos legais, a obrigatoriedade do cumprimento destas leis. Entretanto, no decorrer dos estudos percebe-se que ainda há muitas barreiras que os profissionais desta área encontram, como a falta de acesso as novas tecnologias, que num ambiente hospitalar, seria de grande auxílio ao planejar as atividades pedagógicas.

Ademais, o presente estudo teve também como contribuição, além das pesquisas bibliográficas, um relato de experiência de uma pedagoga do SAREH do Hospital Infantil Waldemar Monastier em Campo Largo-PR. O dito relato de experiência ocorreu através de uma entrevista que continha as seguintes questões: Quais os tipos de atividades pedagógicas que eram desenvolvidas com as crianças antes da Pandemia? As atividades pedagógicas que eram desenvolvidas antes da pandemia, segundo a pedagoga, compreendiam a escuta pedagógica, planejamento de atividades curriculares a partir da realidade de cada aluno (a)/paciente, contato com a escola de origem e a aula prática em si, realizada individualmente, com começo, meio e fim, em espaços próprios conforme a autorização médica. Segundo

a pedagoga, os espaços de realização das aulas pré pandemia eram realizados em leitos de enfermaria, em situações de isolamento, em espaços externos, em brinquedotecas e ambulatórios, na biblioteca, através de oficinas e na UTI pediátrica.

Na segunda questão, quais são as atividades pedagógicas que têm sido realizadas com as crianças atualmente? E as atividades pedagógicas que tem sido realizada normalmente, garantindo a continuidade dos estudos de crianças e adolescentes internados ou afastados para tratamento de saúde, inclusive mães adolescentes que tem seus bebês internados em UTI Neonatal. As aulas atualmente ocorrem em sua maioria nos leitos de enfermaria.

Na terceira pergunta: quais tem sido as dificuldades encontradas para continuar esse atendimento pedagógico na área hospitalar em tempos de pandemia? A pedagoga considerou que o grande entrave na educação hospitalar a dificuldade no uso das tecnologias. O hospital que trabalho não dispõe rede WI-FI, criando uma barreira ao uso das plataformas digitais que vieram revolucionar o modo de ensinar e aprender durante e após a pandemia. Ensinar na virtualidade, para uma geração de nativos digitais com habilidade para a utilização das novas tecnologias é um desafio para os professores. Ainda há muita dificuldade a ser superada. As tecnologias digitais permitem que se aprenda em qualquer cenário, seja o afastamento escolar provocado por uma internação prolongada ou por uma condição de atendimento domiciliar.

E como sugestões para a melhoria do atendimento pedagógica, a pedagoga aborda o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) seria de suma importância. Dar continuidade ao uso destas ferramentas tão usadas na pandemia, precisa ser garantido livre e gratuitamente aos pedagogos, professores e alunos, porém são ausentes na maioria dos hospitais. Elas contribuem de forma significativa para a aquisição do conhecimento, ajudando a superar a ideia de um processo passivo e estimulam a criatividade, proporcionando trocas de experiências e novas possibilidades. Para o aluno internado em hospitais ou em tratamento domiciliar, as TICs podem ajudar a manter as relações sociais interrompidas pela doença.

Portanto, de acordo CECCIM e FONSECA (1999), ressaltamos que as classes hospitalares, vão além de atender às necessidades pedagógico-educacionais, da criança e do adolescente hospitalizados, pois visam a atenção

integral de acordo com os fundamentos políticos da educação, legitimando o respeito aos princípios democráticos da dignidade e da liberdade.

5 CONCLUSÃO

Essa pesquisa se propôs em evidenciar os fatos da importância das estratégias pedagógicas no ambiente hospitalar mesmo em tempos de pandemia, estratégias essas que se objetivam unicamente em facilitar o processo de internação de crianças e adolescentes hospitalizados, contribuindo muitas vezes para a sua recuperação, visto que ao se envolver com atividades planejadas e apropriadas para a realidade dessas crianças e adolescentes, muitas se sentem confortáveis e seguras, assim contribuirão com o seu tratamento e com as atividades propostas. Fator que contribui principalmente na compreensão delas ao momento em que estão vivendo.

Sobretudo, compreender os aspectos históricos que contribuíram para a existência e a reflexão sobre a importância das classes hospitalares, e descrever quais as devidas práticas pedagógicas o professor necessita ter para compreender que além de planejamentos, atividades e burocracia, um olhar significativo esse professor deverá ter.

Dessa forma, através do relato de experiência que essa pesquisa teve como implementação, a formação do professor é de suma importância sim, quando se diz sobre o trabalho que deverá ser exercido, mas que assim como os professores em outras áreas da educação, precisará adaptar as suas atividades quando há falta de recursos, como citada na entrevista, a falta de recursos tecnológicos é um impasse no qual os professores precisam aprender a lidar.

Assim, como as estratégias pedagógicas inclui a utilização de métodos lúdicos de aprendizagem, é pensando também na falta de determinados recursos, a depender do ambiente, que o professor fará a sua flexibilização curricular. Considerando também, neste aspecto, as atividades apropriadas para as condições de saúde que as crianças e adolescentes se encontrarão, visto que o objetivo das atividades pedagógicas é dar continuidade ao processo de aprendizagem que antes lhes eram oferecidas, sem que acarrete em atrasos nos tratamentos.

Portanto, em tempos de pandemia, a situação delicada evidenciou o quanto esse atendimento não poderá em hipótese alguma encerrar. De acordo com o relato de experiência, a normalidade da rotina pedagógica que foi dominando o ambiente

hospitalar, fundamentou que as estratégias pedagógicas corretas, e com os professores ambientalizados e apropriados do seu significado e importância nesta tarefa, contribuem para o sucesso escolar.

REFERÊNCIAS

A Educação em Ambiente Hospitalar em Só Pedagogia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008 Disponível em <http://www.pedagogia.com.br/artigos/educacao_ambiente_hospitalar/?pagina=4> Acesso em 10 de setembro de 2021

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.** Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legislações/publicações/republica>>. Acesso em: 10 junho. 2021.

CECCIM, Ricardo Burg. **Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997, p. 27-41.

CECCIM, Ricardo B., FONSECA, Eneida S. **Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional a criança e ao adolescente hospitalizados.** *Revista Integração*, 1999. MEC/SEESP, ano 9, nº 21, p. 31-39.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3, ed. ver e ampl. São Paulo: Atlas, 1995. ISBN 85-224-124-3. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4613808/mod_resource/content/1/PEDRO_DEMO_Metodologia_cientifica_em_cie.pdf> Acesso em: 16 de set. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FONSECA, Eneida Simões da, (2001). **Atendimento escolar hospitalar: o trabalho pedagógico-educacional no ambiente hospitalar: a criança doente também estuda e aprende.** Rio de Janeiro: UERJ

FONTES, Rejane de S. (2005) **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital.** Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **A Pedagogia de Projetos nas Escolas dos Hospitais: Estratégia coletiva de construção de conhecimentos.** SCHILKE, Ana Lúcia, NUNES, Lauane Baroncelli, AROSA, Armando C. **Atendimento Escolar Hospitalar: saberes e fazeres.** Niterói 2011.p.57-65

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Especial para Construção de Currículos inclusivos,** 2006.

Pedagogia hospitalar: refletindo sobre o papel do professor junto à criança hospitalizada" em Só Pedagogia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2021.

Consultado em 10/06/2021 às 15:03. Disponível na Internet em http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogia_hospitalar_refletindo/
PALÚ, Janete. SCHUTZ, Jenerton Arlan. MAYER, Leandro. Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

POZO, J. I. **Estratégias de aprendizagem. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 176-197.